



## ESTÁGIO SUPERVISIONADO NA FORMAÇÃO DOCENTE: RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA

Sandra Rosa Baldin<sup>1</sup>

**GT8** – Espaços Educativos, Currículo e Formação Docente (Saberes e Práticas).

### RESUMO

O Estágio Supervisionado caracteriza-se como uma prática obrigatória e fundamental na formação do Pedagogo, tendo em vista sua relevância para tal profissão. Assim, pretende-se neste texto relatar uma das experiências de Estágio Supervisionado realizada nas Séries Iniciais do Ensino Fundamental, durante o Curso de Licenciatura em Pedagogia. O estágio foi realizado em uma Escola Pública, situada na cidade de Lagarto, Sergipe. O método utilizado na prática foi a observação participante. Nesta prática foi possível verificar que a escola é pequena, com poucos alunos e bem estruturada. O maior desafio que atualmente a docente encontra é na atuação diante da diversidade dos alunos, pois os níveis são muitos diferentes, além dos alunos com deficiência.

**Palavras-Chave:** Estágio Supervisionado. Formação Docente. Pedagogia.

La Etapa Supervisada se caracteriza como una práctica obligatoria y fundamental en la formación del Pedagogo, teniendo en vista su relevancia para tal profesión. Así, se pretende en este texto relatar una de las experiencias de Etapa Supervisada realizada en las Series Iniciales de la Enseñanza Fundamental, durante el Curso de Licenciatura en Pedagogía. La etapa se realizó en una Escuela Pública, situada en la localidad de Lagarto, Sergipe. El método utilizado en la práctica fue la observación participante. En esta práctica fue posible verificar que la escuela es pequeña, con pocos alumnos y bien estructurada. El mayor desafío que actualmente la docente encuentra es en la actuación ante la diversidad de los alumnos, pues los niveles son muchos diferentes, además de los alumnos con discapacidad.

**Palabras clave:** Etapa Supervisada. Formación docente. Pedagogía.

---

<sup>1</sup> PROFA. Ma. e Psicopedagoga. Coordenadora do Núcleo de Assistência Psicopedagógica- NAPp do Serviço de Educação em Direitos Humanos-SEDH da Secretaria Estadual de Educação. E-mail: sandrarosabaldin@yahoo.com.br



## 1 INTRODUÇÃO

O Estágio Supervisionado nas Séries Iniciais do Ensino Fundamental, no Curso de Pedagogia, constitui-se em uma prática obrigatória, tendo em vista sua relevância na formação deste profissional. Com isso, este artigo tem como finalidade o relato da experiência vivenciada em uma escola pública, na educação básica.

Os objetivos do Estágio Supervisionado foram: Relacionar a teoria com a prática; compreender a relação das professoras com seus alunos em relação ao processo de conhecimento dos alunos; verificar como se organiza a rotina da escola (rituais e metodologias); entender como se dá a organização pedagógica do ponto de vista da gestão escolar; identificar situações-problemas no cotidiano escolar da escola observada.

Com isso, este texto enseja descrever a observação participante realizada na escola, levando em consideração os objetivos supracitados, além das leituras de teóricos importantes da área.

Está experiência é de fundamental importância na formação do pedagogo, tendo em vista que é a oportunidade de ver na prática o que até então se viu na teoria. Sabe-se que teoria e prática devem andar juntas, ambas sozinhas não têm força. É na junção das duas que se configura uma atuação efetiva. Sendo esta fundamental para o exercício da profissão que, antes de qualquer coisa é de formar pessoas.

A realização do estágio se deu a partir de estudos da literatura pertinente a área, além da observação participante no espaço escolar. Também foi realizado um estudo exaustivo no Plano Político Pedagógico da escola. Assim como, entrevistas com a pedagoga e duas professoras regentes das salas observadas.

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O Estágio Supervisionado é o momento na formação em que o aluno tem a oportunidade de vivenciar na prática os conhecimentos até então vistos na academia. Este é previsto pela legislação nas grades curriculares dos cursos de formação docente. Assim, sobre estágio o Parecer nº 21 (2001) do Conselho Nacional de Educação afirma que:

Como um tempo de aprendizagem que, através de um período de permanência, alguém se demora em algum lugar ou ofício para aprender a prática do mesmo e depois poder exercer uma profissão ou ofício. Assim o estágio supõe uma relação pedagógica entre alguém que já é um profissional reconhecido em um ambiente institucional de trabalho e um aluno estagiário [...] é o momento de efetivar um



processo de ensino/aprendizagem que, tornar-se-á concreto e autônomo quando da profissionalização deste estagiário. (BRASIL, 2001).

Para além da obrigatoriedade legal do estágio, na formação, esta prática constitui-se em “[...] um momento de efetivar um processo de ensino-aprendizagem [...]” (BRASIL, 2001) possibilitando a reflexão dos conhecimentos teóricos e práticos da prática docente.

Corroborando com esta temática, Barreiro e Gebran (2006, p.22) dizem que “a aquisição e a construção de uma postura reflexiva pressupõe um exercício constante entre a utilização dos conhecimentos de natureza teórica e prática na ação e a elaboração de novos saberes, a partir da ação docente”.

Com isso, pode-se inferir que o estágio “[...] é atividade teórica de conhecimento, fundamentação, diálogo e intervenção na realidade [...], ou seja, é no contexto da sala de aula, da escola, do sistema de ensino e da sociedade que a práxis se dá” (PIMENTA; LIMA, 2004, p. 45).

A prática docente nas primeiras séries do Ensino Fundamental requer professores preparados, que conheçam as teorias pertinentes ao processo de alfabetização. Portanto, a formação docente que inicia na graduação deve ter continuidade nas formações continuadas.

Na busca de uma eficiente prática deve ser parte do cotidiano do professor, indagar e ser curioso refletindo sempre sua atuação. Sobre isso explica Freire (2001):

A curiosidade como inquietação indagadora, como inclinação ao desvelamento de algo, como pergunta verbalizada ou não, como procura de esclarecimento, como sinal de atenção que sugere alerta faz parte integrante do fenômeno vital. Não haveria criatividade sem a curiosidade que nos move e que nos põe pacientemente impacientes diante do mundo que não fizemos, acrescentando a ele algo que fizemos. (FREIRE, 2001, p.53).

Com esta postura o docente estará preparado para atuar na atualidade, pois a educação necessita de profissionais dedicados na sua atuação. Vive-se neste século, novos tempos na escola, as demandas da sociedade mudaram e os profissionais deste local também devem mudar, pois só assim darão conta da diversidade que se encontra nela. Com o advento das políticas atuais, a diferença deve ser reconhecida e respeitada na escola.

A Declaração de Salamanca (1994), documento orientador para todos os países signatários, incluindo o Brasil, deixa claro que a escola deve estar aberta para todos os alunos, independentemente de suas condições culturais, étnicas, linguísticas, origem e deficiência. Além aceitar essa diversidade deve incluir estes alunos, fazer com que eles aprendam os



conteúdos curriculares. Isso se configura em justiça social, garantia de direitos humanos a todos, portanto, nenhuma criança ou jovem em idade escolar deve estar fora deste contexto.

Com isso, é possível afirmar que a escola inclusiva se adapta as necessidades dos alunos, em vez de as crianças e jovens se adaptarem a ela. No entanto, para que isso seja alcançado estão implícitas várias mudanças organizacionais no âmbito escolar (CÉSAR, 2003). Assim, as mudanças na estrutura escolar devem ser vistas por gestores e colaboradores como um caminho necessário.

Transformar a escola, historicamente excludente, em um espaço inclusivo não é tarefa fácil. De acordo com César (2003, p. 122) “Passar do nível das intenções e dos documentos oficiais para o das práticas profissionais é um desafio que implica muito esforço e empenho por parte dos diversos actores da comunidade educativa”.

Portanto, diante desse novo modelo de escola, que não pode deixar a diferença de fora, o que se configura em algo novo neste século, tendo em vista que os diferentes foram por séculos mantidos fora dela, urge a necessidade de formação dos professores. Ademais, historicamente a turma era tratada como homogenia, mesmo conteúdo e linguagem para todos. Tal prática, não mais dá conta da realidade atual.

### 3 METODOLOGIA

O Estágio foi realizado em uma turma de 1º ano das séries iniciais, em uma escola da Rede Pública, situado no município de Lagarto, Sergipe. A escola oferta as Séries Iniciais do Ensino Fundamental, além disso possui uma sala de recursos multifuncionais com oferta do atendimento educacional especializado. Funciona nos turnos matutino e vespertino. Atualmente a escola conta com 198 alunos matriculados.

A experiência ocorreu durante o mês de maio, durante cinco dias consecutivos, do corrente ano. Foi utilizado como método a observação em uma sala de aula com 23 (vinte e três) crianças com idade de 6 anos. A observação foi participante, conforme sugerido pela professora orientadora do estágio. De acordo com Minayo (1994):

O contato direto do pesquisador com o fenômeno observado para obter informações sobre a realidade dos atores sociais em seus próprios contextos, estabelece uma relação face a face com os observados, permite captar uma variedade de situações ou fenômenos que não são obtidos por meio de perguntas; transmitem o que há de mais imponderável e evasivo na vida real. (MANAYO, 1994, p.59).



Além da observação também houve uma pesquisa documental, na qual se buscou fazer uma breve análise do Projeto Político Pedagógico da escola. Com essa, objetivou-se compreender como a escola está organizada e como visualiza a prática do pedagogo nas suas dependências.

Ademais, contou também com a realização de uma entrevista com a docente regente, na qual se procurou coletar informações acerca da sua prática no espaço da sala de aula.

#### 4 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DA EXPERIÊNCIA

Após a apresentação e organização dos documentos para início do estágio, a primeira ação foi uma consulta ao Projeto Político Pedagógico da Escola. Neste verificou-se que seu objetivo geral é:

Integrar a escola, família e a comunidade escolar com vista em uma educação plena que busque o desempenho mais eficaz do processo educativo, adequando o currículo às necessidades de aprendizagem do discente, bem como considerar valores culturais, estimulando a sua participação consciente, criativa e cooperativa, preparando-o para o pleno exercício da cidadania, através da mediação e produção de conhecimentos sistematizados historicamente pela humanidade, a partir da renovação da prática pedagógica. (PPP, 2017, p.27).

Assim, percebe-se que o objetivo da escola está em consonância com as teorias mais atuais de educação. Pois, sua atuação está voltada para o desenvolvimento pleno da pessoa humana. Nos objetivos específicos destaca a importância do desenvolvimento pleno de cidadãos conhecedores de seus direitos e deveres em sociedade. Procura também garantir acesso e permanência dos educandos na escola. Proporcionando também a plena participação em atividades esportivas e culturais dos alunos. Preocupa-se, além disso, com as questões do meio ambiente e da sociedade.

Como concepção de educação aborda que a educação é um processo, no qual o ser humano vai trilhar seu caminho e desenvolvimento integral “dentro de uma dinâmica que precisa ser buscada e vivida durante toda a existência” (PPP, 2017, p. 30). Desta forma, uma educação que abranja não só conteúdos escolares, mas também o conhecimento de vida, da comunidade, desenvolvendo um sentimento de pertença ao local que está inserido.



O papel do pedagogo é descrito como sendo uma figura, no espaço escolar, que observa, organiza e dinamiza todas as ações da escola. Orienta os professores e dá uma especial atenção a todos os alunos, não perdendo de vista aqueles que de alguma forma necessitam de uma atenção mais específica.

Já os docentes, seguindo a proposta do plano de ação da escola, agem como provedores de uma educação mais dinâmica, levando em consideração as aprendizagens trazidas pelos alunos, bem como respeitando suas individualidades. Tentando, sempre que possível utilizar de recursos que tornem as aulas mais atrativas para os alunos, para que eles se identifiquem com os conteúdos escolares.

Como concepção de currículo se orienta por Veiga (2002) sendo:

Curriculo é uma construção social do conhecimento, pressupondo a sistematização dos meios para que esta construção se efetive; a transmissão dos conhecimentos historicamente produzidos e as formas de assimilá-los, portanto, produção, transmissão e assimilação são processos que compõem uma metodologia de construção coletiva do conhecimento escolar, ou seja, o currículo propriamente dito. (VEIGA, 2002, p.7)

Ademais, o Referencial Teórico da Rede, os PCNs, e as Diretrizes Curriculares, compoem a sua base comum e diversificada: Letramento e Alfabetização Linguística, Alfabetização Matemática, Natureza e Sociedade (1º Ano); Educação Física, Arte, Ensino Religioso (1º ao 5º Ano); Língua Portuguesa, Matemática, Ciências, Geografia, História, Redação e Sociedade e Cultura (2º ao 5º Ano). Dentro dessas disciplinas e de projetos se trabalha os temas transversais: ética, saúde, meio ambiente e pluralidade cultural.

A escola se tornou referência no atendimento às crianças com deficiência, que estão matriculados no ensino regular, além de frequentarem o Atendimento Educacional Especializado (AEE). Sendo presente no PPP a preocupação com este público. No AEE também há crianças que estão matriculadas em outras escolas da rede pública do município.



Após a análise do Projeto Político Pedagógico, deu-se início a observação na estrutura da escola. De modo geral a escola apresenta-se em boas condições. É pequena, com quatro salas de aula, grandes e arejadas, duas delas possuem banheiro dentro da sala, além de uma sala para guardar material pedagógico. Há um espaço ao ar livre grande, com árvores, porém não há parque, nem quadra para atividades externas para as crianças. O espaço em que as crianças fazem o lanche é pequeno, não existe um refeitório. A escola conta também com uma sala para a direção, que também é biblioteca, uma secretaria, pequena, uma cozinha e a sala de recursos multifuncionais. Não há espaço coberto para realização de atividades fora da sala. A vantagem é que as salas são bem grandes.

As salas são bem arejadas e possui ventilador, há iluminação, mas poderia ser mais bem iluminadas. As salas são limpas e contam com material pedagógico. Há vários jogos tanto nas salas, quanto na sala do diretor, que também é biblioteca. Não faltam também materiais como: lápis de cor, diversos tipos de papel, cola, tesoura, cadernos, etc. Os alunos se apresentam com uniforme diariamente, sendo a camisa e o short é opcional, podendo ser jeans ou o do uniforme.

A escola possui televisão, computador, *Datashow*, telão para projeção, caixa de som, todos em ótimo estado de funcionamento. As salas possuem quadros brancos, grandes em bom estado. As carteiras são para crianças, estando adequado o tamanho, também em ótimo estado.

As salas são acessíveis, tendo em vista que a escola foi contemplada por um projeto do Ministério da Educação que fez todas as adaptações que a escola necessitava. Além de rampas, ela é toda térrea e possui portas de acesso a todos os ambientes grandes. Há dois banheiros acessíveis também, sendo um masculino e o outro feminino. Além de outros dois sem as adaptações.

A escola é bem segura, toda murada e com dois portões de acesso, sendo estes vigiados regularmente pela equipe da escola. Embora não tenha vigilante na escola a equipe diretiva, com a colaboração dos docentes exerce o papel.

A sala de recursos multifuncionais, onde acontece o AEE, também é bem grande e equipada, embora a professora relate que poderia ter mais material. Possui ar condicionado e é limpa. Possui dois computadores e três *notebooks*, todos em boas condições de uso, também conta com *internet*. Possui quadro branco e diversos jogos educativos, livros, etc.

No tocante aos servidores da escola todos são concursados. Sendo, dez professores, nove graduados em Pedagogia e um em Educação física. A equipe diretiva também possui nível



superior com formação condizente com a área de atuação. A professora que tem menos experiência de docência atua há cinco anos. Todas as professoras possuem especialização na área.

Além dos professores a escola conta com duas merendeiras, um secretário, dois oficiais administrativos, quatro de serviços gerais, além de uma cuidadora para atender aos alunos com deficiência. No entanto, verificou-se que está faltando somente vigilante diurno para controlar o acesso à escola dos alunos.

Após a coleta dos dados gerais na escola deu-se início a observação participante na sala de aula.

Foi possível verificar logo no primeiro dia que há uma disparidade muito grande entre os alunos, no que diz respeito ao conhecimento do assunto. A sala conta com 23 alunos, destes a metade, mais ou menos, já conhecia todas as letras do alfabeto, os outros ainda as desconheciam. A professora relatou o quanto isso é difícil no 1º ano, pois acredita que os que já sabem mais perdem, por terem que esperar os outros. A maioria das crianças advém de outras escolas, para algumas está sendo a primeira vez que estão em uma escola. Alguns não sabem nem pegar o lápis. Desta forma, habilidades que já deveriam ter sido trabalhadas não foram. E agora estão no 1º ano, no qual já devem ser alfabetizados, porém alguns não têm a mínima condição. A professora destaca o prejuízo que isso causará nestas crianças no seu processo de alfabetização. Pois, ela não será retida neste ano, seguirá avançando, e o atraso seguirá com ela, tendo em vista, que as condições das famílias não permitem um reforço extra escola.

Para este ano letivo, ainda não havia chegado à escola o livro didático para os alunos, havia apenas para alguns, assim, a direção achou por bem não dar a ninguém, até que chegasse o restante. No entanto não tem data determinada para que isso ocorra. Diante disso, a professora está realizando atividades xerocadas, leitura de livros e atividades nos cadernos, e também coloca algumas coisas no quadro, mas a maioria não consegue copiar. Ela está na fase de diagnóstico ainda. Há cinco alunos, que ela acredita ter alguma deficiência ou dificuldade de aprendizagem, tendo em vista que o atraso é muito grande, além de comportamentos inadequados para o ambiente. Destes cinco, três nunca haviam ido à escola, o que pode influenciar, porém os outros frequentaram a pré-escola, mas em outra escola. Portanto, ela já solicitou ajuda à coordenação da escola, para realizar uma investigação junto aos pais para tentar entender o que ocorre com eles.



A professora, quando questionada acerca do método que utiliza, disse que segue as orientações recebidas no curso que realizou no ano passado, oferecido pelo estado – Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa. Disse que faz as atividades que foram sugeridas, tentando dar aulas diferentes, para atrair as crianças, porém diz que não é fácil, pois faltam materiais, como jogos, por exemplo, diz que tem na escola, mas são poucos e não tão adequados. Questionada sobre a confecção de materiais, ela diz que acha muito bom, porém não tem tempo de fazer, pois trabalha em duas escolas, portanto não sobra tempo para confeccioná-los. Outro ponto que ela atribui a dificuldade é da diferença que há entre os alunos, pois os níveis são diferentes, aí não dá para trabalhar igual com todos.

Neste contexto, é pertinente remeter-se a Política atual de educação inclusiva, na qual está presente, justamente a valorização da diferença. A diferença é reconhecida na escola e valorizada, ela é rica para o desenvolvimento de todos, inclusive para a atuação do professor. O ensino inclusivo configura-se na “(...) prática da inclusão de todos – independentemente de seu talento, deficiência, origem socioeconômica ou origem cultural - em escolas e salas de aula provedoras, onde todas as necessidades dos alunos são satisfeitas” (STAINBACK; STAINBACK, 1999, p. 21). Nesta mesma linha de pensamento acrescenta Rodrigues (2003, p. 95) “Estar incluído é muito mais do que uma presença física: é um sentimento e uma prática mútua de pertença entre a escola e a criança, isto é, o jovem sentir-se que pertence à escola e a escola sentir que é responsável por ele”.

No entanto, será que essa professora, na formação que teve, conseguiu compreender como fazer isso na prática? Lá na sua sala de aula. A autora Sanches (2005, p.112) aborda tal questionamento: “a educação inclusiva não se faz se não se introduzirem na sala de aula metodologias diferentes das que se utilizam habitualmente”. A professora relatou que não sabe como fazer isso, pois está sozinha em uma sala e tem que dar conta de todos, dentre esses tem alguns que não param sentados, que batem nos colegas, que saem da sala. Ela diz: “como dar conta de tudo isso sozinha”?

Ademais desta realidade, do ponto de vista metodológico, foi possível observar que a professora se esforça muito para que todos os alunos interajam na aula, o que não conseguiu, alguns ficam dispersos por não acompanhar o conteúdo. Ela levou o alfabeto manual, em um tamanho grande, foi mostrando as letras e pedindo para que os alunos dissessem que letra era. Alguns estavam reclamando da atividade e se dispersando porque já sabiam, já outros dispersos porque não sabiam qual era a letra. Logo após esta atividade a docente entregou aos alunos uma



atividade xerocada, de ligar letras, outras de colorir letras. E para os que não escrevem ainda, ela passou uma atividade de cobrir no caderno, para que eles realizassem, enquanto os colegas faziam a outra tarefa.

A turma é organizada em “u”, em três filas. A professora tentou distribuir os alunos por tamanho, para que os da frente não atrapalhassem os que ficam atrás. Foi sugerido a docente que tentasse a organização da sala em grupos.

Na aula seguinte, a docente levou uma proposta de soletração, junção de sílabas. Foi mostrando algumas famílias silábicas, como a do “b”; “d”; “p”. Levou as letras móveis, e foi juntando e dizendo para os meninos repetirem. Ficou evidente que alguns falavam junto com os outros, sem saber direito o que estavam fazendo, já outros repetiam com fadiga, pois já sabiam aquele assunto. E para finalizar mais uma atividade xerocada e atividade no caderno.

A docente em um dia apenas, durante a observação passou tarefa para casa, pois disse que nunca fazem em casa, portanto prefere não passar, pois a maioria dos alunos não tem um acompanhamento adequado.

Quanto à avaliação a professora, dá visto nas atividades e vai guardando, desta forma vai acompanhando o desenvolvimento dos alunos, comparando as atividades ao longo na unidade. Ao final da unidade ela reúne todas, atribui uma nota e entrega aos pais.

Os alunos parecem estar um pouco perdidos, alguns ainda não entendem muito bem a dinâmica da sala de aula, nesta nova série. Alguns são muito calados, só observam e falam pouco. Outros já são muito agitados, não se comportam adequadamente neste ambiente. A clientela é de baixa renda, algumas crianças deixam visível a falta de cuidado com a higiene pessoal. Entre eles, já está começando a haver interação, mas ainda insipiente.

Apesar de a professora ter relatado que fez curso de formação continuada, na área de alfabetização e ter formação adequada para seu trabalho. Foi possível perceber que suas práticas ainda são bem tradicionais, embora ela tenha apontado suas dificuldades com a turma, pela diversidade de níveis dos alunos. Está muito focada no conteúdo de alfabetização da maneira tradicional e as aulas não são muito atrativas para os alunos. Alguns alunos passam um bom tempo da aula sem atividades, ficam dispersos.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta experiência de observação participante ocorreu em uma escola, que disponibiliza a comunidade as Séries Iniciais do Ensino Fundamental (1º ao 5º ano). A escola



referida é bem estruturada e possui profissionais com formação adequada para tal atuação. É uma escola com poucos alunos, o que permite um bom acompanhamento por parte da equipe escolar.

Durante as observações foi possível perceber que os alunos são muito carentes de estímulos pedagógicos. O acompanhamento das famílias deixa a desejar para com eles. Este fato reflete de forma direta no desenvolvimento acadêmico deles. A escola por sua vez, apesar de ter uma boa estrutura, e em um turno do dia somente, não consegue suprir este atraso que os alunos trazem consigo. Desta forma, esse atraso inicial vai refletir lá na frente em sua vida escolar. Ou seja, uma marca que levará para sempre em sua vida acadêmica.

A partir da observação do cotidiano do professor foi possível verificar, que lidar com a diversidade e com o atraso que os alunos trazem se configura em um grande desafio na sua prática. A estrutura que a escola pública oferece, tanto física quanto de profissionais, não dá conta da demanda. Mesmo que o docente se esforce ele não consegue superar tal demanda. Porque não depende só dele, e sim de uma rede de profissionais e questões sociais. Será que uma escola de tempo integral, com atendimento nas diversas áreas poderiam dar conta?

O desafio na prática docente é grande, principalmente quando se trata de uma comunidade carente, em escolas da rede pública. Portanto, o que se observa de muito positivo é a dedicação e preocupação da docente no desenvolvimento e aprendizagem de seus alunos.

O que chamou atenção na observação em sala foi a preocupação da professora com a alfabetização que é muito grande, ela se sente pressionada a alfabetizar, aí quando se depara com aquela diversidade e sabe que alguns não conseguirão sair desta série lendo é como se ela fracassasse. Sente-se julgada, porque no próximo ano, a professora do 2º ano vai dizer que ela ensinou nada. Essa pressão pode estar atrapalhando um pouco o desempenho das crianças, porque fica um culpando o outro pelo fato de a criança não estar preparada para ser alfabetizada. Neste caso, o mais importante seria focar na criança, no seu nível de desenvolvimento e correr atrás do prejuízo. A escola disponibilizar, de alguma forma aula de reforço.

A respeito da prática de docência, o que mais chamou atenção foi que os alunos estão muito abertos a estudar, querem muito, o que é proposto para eles realizam com muita boa vontade, participam. Isso é muito estimulante ao professor, porque vê que seu esforço em preparar um material vale muito apenas, pois eles gostam muito.

Com o intuito de facilitar o trabalho da docente, tendo em vista a diversidade da turma, poderia organizar a sala de um modo diferente. Organizando-os em grupos, por nível em que se encontram, ou conforme o objetivo da atividade poderia colocar um aluno que sabe mais



para ser o monitor em algum momento. Com essa organização ela controlaria melhor a turma e poderia diversificar mais os conteúdos, dando atenção mais individualizada ao nível em que os alunos se encontram.

Para formação de pedagogo o estágio é muito significativo, pois com ele pode-se ver na prática como se dá essa dinâmica. Verificar *in loco* os desafios enfrentados diariamente pelos pedagogos nas escolas. Com isso, de certa forma já se prepara para a atuação profissional. Portanto, sabe-se que em cada realidade os desafios são diferentes.

## REFRÊNCIAS

BARREIRO, Iraíde Marques de Freitas; GEBRAN, Raimunda Abou. Prática de ensino: elemento articulador da formação do professor. IN: BARREIRO, Iraíde Marques de Freitas; GEBRAN, Raimunda Abou. **Prática de ensino e estágio supervisionado na formação de professores**. São Paulo: Avercamp, 2006.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena. Parecer CNE/CP 009/2001. Brasília, DF, maio de 2001.

CÉSAR, M. In. A Escola Inclusiva Enquanto Espaço-Tempo de Diálogo de Todos e para Todos. RODRIGUES, D. (org.). **Perspectivas sobre a inclusão: da diversidade à sociedade**. Porto: Porto Editora, 2003.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

MANUAL DE ESTÁGIO EDUCAÇÃO INFANTIL E O OUTRO. Centro Universitário Internacional Uninter Credenciado pela Portaria Ministerial Nº 688 D.O.U. de 25/05/2012.

MANUAL DE ESTÁGIO ESTÁGIO SUPERVISIONADO: Docência na Educação Básica. Centro Universitário Internacional Uninter Credenciado pela Portaria Ministerial Nº 688 D.O.U. de 25/05/2012.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 1994

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. Estágio e Docência. São Paulo: Cortez, 2004.

RODRIGUES, D. Educação Inclusiva: as boas notícias e as más notícias. In.: RODRIGUES, D. (org.). **Perspectivas sobre a Inclusão: da diversidade à sociedade**. Coleção Educação Especial, Porto, Editora Porto, 2003. p. 89-102.



SANCHES, I. Compreender, Agir, Mudar, Incluir: da investigação-acção é educação inclusiva. **Revista Lusófona de Educação**. Lisboa: 2005. p.127-142.

STAINBACK, S; STANBACK W. **Inclusão**: um guia para educadores. Porto Alegre: Artmed, 1999.

VEIGA NETO, ALFREDO. **De Geometrias, Currículo e Diferenças IN: Educação e Sociedade, Dossiê Diferenças**, 2002.

UNESCO. **Declaração de Salamanca**: princípios, políticas e prática em educação especial 1994. Disponível em: <http://www.regra.com.br/educadores/salanc.htm>. Acesso em 20/9/2017.